

As representações sociais de mulheres que vivenciam sexualidade e amamentação**Social representations of women who experience sexuality and breastfeeding**

DOI:10.34115/basrv4n4-018

Recebimento dos originais: 20/06/2020

Aceitação para publicação: 20/07/2020

Regiane Bezerra Campos

Doutoranda em Enfermagem em Saúde Pública.

Instituição: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP).

Endereço: Avenida dos Bandeirantes 3900 Campus Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP, Brasil.

E-mail: regiane.campos.unioeste@gmail.com

Anna Elisa Franco Leal

Residente em Enfermagem Obstétrica.

Instituição: Hospital Sofia Feldman

Endereço: Rua Antônio Bandeira, 1060 - Tupi - Belo Horizonte, MG.

E-mail: anna.elisa13@hotmail.com

Juliana Bento de Lima Holanda

Pós-doutorado em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo.

Instituição: Universidade Federal de Alagoas.

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N - Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, 57072-900.

E-mail: julianabento@esefar.ufal.br

Ruth França Cizino da Trindade

Doutora em Enfermagem pela USP.

Instituição Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Conjunto Village Campestre I. Qd. M, rua 16, n. 19, Cidade universitária, Maceió-AL, BR.

E-mail: ruth.trindade@esefat.ufal.br

Flávia Gomes-Sponholz

Doutora em Enfermagem em Saúde Pública pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Endereço: Avenida dos Bandeirantes 3900 Campus Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP, Brasil.

E-mail: flagomes@usp.br

Andreia Silva Ferreira

Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas

Instituição: Instituto Federal de Alagoas

Endereço: Rua Odilon Vasconcelos, 103, Reitoria, Jatiuca, Maceió-AL, Brasil

E-mail: andreia.ferreira@ifal.edu.br

RESUMO

Objetivo: Compreender como ocorre a sexualidade das mulheres nutrizes, suas práticas e vivências, sob a luz das representações sociais. **Metodologia:** Estudo de natureza descritivo-exploratória, com abordagem qualitativa. Realizado com 13 mulheres de uma Unidade de Saúde localizada no município de Maceió/AL. Utilizou-se como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais. **Resultados:** Foram identificadas três unidades temáticas: a) Sexualidade na perspectiva da mulher nutriz, b) Opinião da mulher nutriz sobre amamentação, c) Mulher, nutriz e a vivência da sexualidade. Os resultados expressaram as representações sociais das mulheres que vivenciam a sexualidade no período do AM, evidenciando que o pós – parto é um momento delicado e singular, onde a mulher necessita de cuidados e assistência integral. **Conclusão:** Cada nutriz expressa a sua sexualidade de acordo com os seus princípios, aspectos familiares, culturais e fisiológicos. As representações produzidas ao longo da história intervêm na postura dessas mulheres e suas decisões.

Palavras-chave: Aleitamento Materno, Sexualidade, Enfermagem Obstétrica, Saúde Pública, Saúde da Mulher.

ABSTRACT

Objective: to understand how women's sexuality occurs, their practices and experiences, in the light of social representations. **Methodology:** Study of a descriptive-exploratory nature, with a qualitative approach. Conducted with 13 women from a Health Unit located in the city of Maceió / AL. We used the Theory of Social Representations as a theoretical reference. **Results:** Three thematic units were identified: a) Sexuality from the perspective of the nutritious woman, b) Opinion of the nutritional woman on breastfeeding, c) Woman, nutrition and experiencing sexuality. The results expressed as social representations of women who experience sexuality in the period of BF, show that the postpartum period is a delicate and singular moment, where a woman uses full care and assistance. **Conclusion:** Each nutrient expresses its sexuality according to its principles, family, cultural and physiological aspects. As representations produced throughout history, intervene in the attitude of these women and in their decisions.

Keywords: Breast Feeding, Sexuality, Obstetric Nursing, Public Health, Women's Health.

1 INTRODUÇÃO

A amamentação (AM) é um dos temas mais abordados em estudos científicos, sob diferentes concepções. Embora grande parte das publicações enfatize apenas o ponto de vista biológico, alguns estudos ampliam o foco para a subjetividade das mulheres e, sobretudo, ao seu reconhecimento como ser determinante no desempenho do ato de amamentar ou que intervém decisivamente em questões familiares, geracionais, éticas, sociais e humanísticas (MOREIRA; NASCIMENTO, 2012).

Nessa perspectiva, é importante estimular o vínculo entre mãe e filho e entender que ele pode ser favorecido pelo contato pele a pele, pela troca de olhares, por demonstrações de afeto ou nutrição à criança, de modo que amamentar não se restringe, necessariamente, ao ato de nutrir. Durante a amamentação ocorre um dos momentos mais íntimos entre o binômio mãe-

filho, e isso permite que a maternidade seja vivenciada de forma prazerosa (CARVALHO et al., 2018).

Contudo, nesse período a mulher experimenta diversas mudanças nas esferas: fisiológica, psicológica, sexual e social, o que demanda atenção integral, pois ela precisa ser assistida e compreendida como um indivíduo completo, complexo e não fragmentado. Nesse sentido, considera-se que a sexualidade, assim como outros aspectos, está inserida no processo do aleitamento materno, uma vez que exercer o papel de mãe não significa anular todos os demais papéis e funções por ela exercidos na sociedade. Ao contrário, é fundamental reconhecê-la como mulher, esposa, mãe, educadora e cidadã, com direitos sexuais e reprodutivos (FLORENCIO et al., 2012).

Abordar a sexualidade possibilita discutir a singularidade de cada ser e abrange fatores subjetivos influenciados por aspectos culturais, religiosos, princípios e meios sociais. Trata-se de uma conduta corporal que transcende o ato de “amamentar”, visto que envolve pensamentos, expressões, comunicação, proximidade, sentimentos e, principalmente, o modo como a própria mulher se reconhece (FLORENCIO et al., 2012).

O período pós-parto também merece atenção diferenciada, por ocasionar significativas mudanças na vida da mulher, do companheiro e da família. A necessidade de uma adaptação para atender às demandas do filho e, simultaneamente, exercer a função parental, pode prejudicar a relação íntima do casal. Além disso, é preciso lidar com as transformações físicas do corpo e com a representação “*dessexualizada*” da mulher mantida pela sociedade (HOLANDA et al., 2014).

Nos primeiros dias após o parto, a mulher experimenta uma fase de transição, em que fica vulnerável a qualquer tipo de adversidade e apresenta suas emoções afloradas, o que torna importante que ela se perceba querida, amada e respeitada⁵. Essa mulher é merecedora de um cuidado integral, que contemple uma rede de cuidadores constituída pela família e pelos serviços de saúde, para preservar e assegurar sua saúde e bem-estar físico e emocional (SOUZA et al., 2013; JODELET, 2001). Partindo desse pressuposto, o presente estudo tem o objetivo de compreender como a mulher vivencia sua sexualidade concomitantemente ao processo de lactação, sob a luz das representações sociais.

2 METODOLOGIA

Estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, realizado em uma Unidade de Saúde (US) do município de Maceió, estado de Alagoas, que trabalha com grupos de aleitamento materno, com o apoio de uma equipe especializada que presta assistência às

puérperas. Neste local também são realizadas consultas médicas, serviços de psicologia, serviço social, fonoaudiologia, pré-natal, planejamento reprodutivo e vacinação.

As participantes do estudo foram mulheres que na época da coleta dos dados: praticavam o aleitamento materno exclusivo, cadastradas no referido serviço de saúde, em amenorrea lactacional, produção ativa de leite materno, com parceiro e que tivessem retornado às relações sexuais.

Foram excluídas do estudo mulheres que fizessem uso de qualquer medicação que interferisse na libido ou no processo da amamentação; com alterações funcionais ou patológicas nas mamas; com distúrbios psicológicos ou no caso de menores de 18 anos, quando seus responsáveis não concordassem com sua participação.

A coleta de dados teve início em dezembro de 2016 e foi encerrada em fevereiro de 2017. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas, compostas de duas partes: a primeira contendo dados de identificação e sociodemográficos das participantes do estudo, tais como: idade, naturalidade, estado civil, escolaridade, profissão, renda familiar e religião. A segunda parte foi composta por questões semiestruturadas relacionadas ao objeto do estudo.

As entrevistas foram gravadas por gravador digital e posteriormente transcritas na íntegra. Os dados coletados foram submetidos à Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin, referida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que aplica procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever os conteúdos das mensagens (GIL; LICHT; SANTOS, 2006; CAMPOS, 2004).

Adotou-se, como referencial teórico metodológico, a Teoria das Representações Sociais, direcionada a investigar “fenômenos relevantes” sempre ativos e com influência na vida social.

Aprofundar o conhecimento a respeito das representações sociais de mulheres que vivenciam a sexualidade e amamentação e concomitantemente, possibilitou compreender como os grupos e os seres humanos pensam e se relacionam com esse fenômeno em sua complexidade, permitindo ainda, identificar nos indivíduos, as representações que lhe são intrínsecas e o que elas representam verdadeiramente (JODELET, 2001).

O número de mulheres pesquisado foi definido pelo critério de saturação, ou seja, quando os depoimentos passaram a não trazer elementos novos e apreendeu-se a totalidade do objeto investigado.

O estudo atendeu aos requisitos éticos com a apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), sob protocolo 62266116.1.0000.5013.

3 RESULTADOS

Participaram do estudo 13 (100%) mulheres na faixa etária predominante de 18 a 28 anos de idade. A maioria (84,6%) procedente de Alagoas, casada (84,6%), com ensino médio completo (61,5%), empregadas (53,8%), com renda familiar acima de um salário mínimo (69,2%) e evangélicas (76,9%).

Tabela 1. Perfil sociodemográfico das mulheres em aleitamento materno exclusivo por faixa etária e estado civil no Estado de Alagoas, no período de 2016 a 2017. Alagoas, Brasil, 2017

Faixa etária	n	%	Estado Civil	n	%
18-28 anos	07	53,8	Casada	10	76,9
29-39 anos	05	38,5	União Estável	2	15,4
40-49 anos	01	7,7	Solteira	1	7,7
Total		100%	Total	13	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Tabela 2. Perfil sociodemográfico das mulheres em aleitamento materno exclusivo, segundo naturalidade, escolaridade, profissão, renda e religião no Estado de Alagoas, no período de 2016 a 2017. Alagoas, Brasil, 2017

Variáveis	n	%
Naturalidade	13	100
Alagoanas	11	84,6
Outros Estados	02	15,4
Escolaridade		
Ensino Médio Completo	08	61,5
Ensino Médio Incompleto	03	23,1
Ensino Fundamental Incompleto	02	15,4
Profissão	13	
Do Lar	06	46,2
Carteira Assinada	07	53,8
Renda	13	
Um Salário Mínimo	04	30,8
Acima de um salário Mínimo	09	69,2
Religião	13	
Evangélica	10	76,9
Outras	03	23,1

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Quanto às categorias acerca das Representações Sociais, três categorias foram identificadas: Sexualidade na perspectiva da mulher nutriz; Opinião da mulher nutriz sobre a amamentação; Mulher, nutriz e a vivência da sexualidade.

A categoria Sexualidade na perspectiva da mulher nutriz mostrou que a minoria (15,38 %) das mulheres expressou a sexualidade como algo relacionado ao romantismo, que emerge como intercuro sexual entre um casal que se ama, limitado à relação sexual propriamente dita no contexto familiar, não abrangendo outras questões:

“Ter relações com a pessoa que eu amo” (Dália).

“Pra mim, representa amor entre duas pessoas, né?” (Angélica).

Ainda nesta categoria, quanto ao Ato sexual e Reprodução, a maioria das participantes se referiu à sexualidade como sendo o ato sexual propriamente dito, como podemos observar nas falas a seguir:

“Ah, eu não sei direito. Acho que é sexo. Na minha cabeça é só isso” (Violeta).

“Sei lá (risos), sei lá. A sexualidade, pra mim, o que é? É. Eu acho que tem vários motivos, mas, no meu ponto de vista, eu acho que é o prazer, sei lá, eu acho que é isso” (Hortência).

Observou-se também, que entendimento de que a finalidade do coito não está única e diretamente relacionado a concepção, e da importância do sexo seguro e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis:

“O que prevalece no casamento.” (Bromélia).

“Importante, principalmente dentro do casamento, né? É. Tem que se prevenir, tem que tomar todos os cuidados porque tanta coisa acontece. Tem consequência, não só filho, mas doenças.” (Girassol).

Quanto à heterossexualidade e religião:

“Eu acho que é só entre um homem e uma mulher, né?” (Amarílis).

“É um ato, né? Entre duas pessoas, no caso, um casal, né? Fêmea e macho, né, sem exceções. Foi feito, né? Pelo Cristo, foi de Deus, né? Entre o homem e a mulher. Faz parte da vida da gente, né? E do ser humano e da vida humana aqui na terra, né? Cada um tem a sua opinião, né? Tem que respeitar, né?” (Rosa).

Acerca da opinião da mulher nutriz sobre a amamentação, notou-se que para a maioria das participantes, o AM é um gesto de amor da mãe para com o filho, durante o qual se estabelece o vínculo entre o binômio por meio do contato íntimo e da troca de olhares, mas nem todas as nutrizes compartilham dessa concepção, sentimento e sensação, entretanto todas compartilham da preocupação com o bem estar e alimentação da criança. As falas a seguir evidenciam as concepções:

“Amamentar como um aconchego para a criança (Dália).

“Bom, pra mim a amamentação é fundamental. Sempre fui orientada que o amamentar, a gente amamentando o nosso bebê a gente tá criando um vínculo com ele num é? Sem falar que é um benefício pra ele, que a gente tem o nosso leite sustenta ele bastante. É independente ele não precisa tomar água, a gente não dar água a ele, não precisa dar outra coisa a ele, porque o leite em si já tem tudo isso (Bromélia)”.

“Eu mesmo não gosto não né? De amamentar. Mas. O meu primeiro mamou até os três anos, o outro só mamou três meses e ela até agora tá mamando né? Não é muito bom não, risos. Importante pra criança, mesmo sem gostar tem que amamentar (Amarílis)”.

A amamentação como proteção à saúde do filho:

“Ele tem dificuldade de ficar doente, porque o meu outro menino ele nunca ficou doente, uma gripezinha e olhe lá. Aí é como é que se diz, protege a amamentação (Dália)”.

E também sem contar que é bom né? Pra saúde dele, pra proteção, pra minha saúde também. Olhe como eu estou light (Rosa)”.

“Ai eu sou completamente defensora porque eu acho assim que é um, não é injeção, mas uma vacina né? Porque eu criei duas, duas filha, e elas não adoecem, desde pequena. Eu via as filha da minha amiga era no médico direto, com a pelezinha né? Ferida. E as minha não, e eu acredito que é do leite (Copo de Leite)”.

Na categoria, Mulher, nutriz e a vivência da sexualidade, foi possível identificar cinco subcategorias: “a presença do leite materno no momento do ato sexual”, “a mama como zona erógena e fonte de nutrição”, “diversas atividades domésticas e cansaço” “presença da criança no quarto dos pais”, e “a amamentação não alterou a sexualidade”. Evidenciou-se que os discursos proferidos reportam a mudanças fisiológicas, hábitos, rotinas, tarefas e intimidade do casal:

Não é a mesma coisa, muda (Copo de leite).

“É difícil né? Muda muito (Dália)”.

Sobre a presença do leite materno no momento do ato sexual:

“É difícil né? Muda muito. Na verdade, a pessoa não tira nem essas partes daqui né? De cima (risos). Porque, oia eu tô de fralda, porque qualquer coisa o leite vaza. Aí é muito difícil. Eu acho que atrapalha porque você se molha toda, no caso (risos) (Dália)”.

A mama como zona erógena e fonte de nutrição, passa a assumir também o papel de nutrição e em alguns casos tornam-se exclusivas para o aleitamento, segue:

“Eu não tenho não vontade mais (risos) a mama era um ponto de prazer, hoje só exclusivamente pra ele (risos) (Dália)”.

Observou-se também que as diversas atividades domésticas e cansaço influenciam o relacionamento conjugal e sexual do casal, segue:

“Às vezes tô muito cansada, exausta e passo semanas sem querer nada porque é cansativo. Ela mama, não mama só uma vez, duas vezes, ela acorda muito, ocupa muito o tempo. Mas, aí às vezes eu tenho que ceder né? Tem que, não posso deixar de fazer isso né? Porque também tem ele (Girassol)”.

“Aí você tem as tarefa de casa, você, quando chega você tá morta. E ela acorda várias vezes a noite pra mamar, aí às vezes eu olho pro marido assim. Meu Deus! É. A gente olha assim, ta com vontade, mas ta tão cansada que o cansaço é maior. Ainda bem que ele me entende sabe? Ainda bem que ele entende... (Jasmim)”.

No item, a amamentação não alterou a sexualidade, os relatos demonstram que ocorreram algumas alterações, segue:

“Olha. Assim não é a mesma coisa que antes, lógico. Porque não da pra ser do mesmo jeito né? Mas, tem acontecido com bastante frequência. E uma coisa que não aconteceu na gravidez, eu não sentia vontade nenhuma, de nada, nada. Não tinha prazer e voltou com força (risos) (Violeta)”.

“Dá pra dividir, não atrapalhou e nem atrapalha. Não. No começo dizer que não atrapalhava, atrapalhava. Mas agora não (Hortência)”

Quanto a presença da criança no quarto dos pais:

“A dificuldade que a gente sente é porque deixa ela na cama, isso foi opção dele. E eu não sinto dificuldade, mas ele sente dificuldade, fico meio constrangido quando ela acorda. Aí eu disse meu filho, então vamo comprar o berço e botar ela no quarto (risos) (Orquídea)”.

“Aí às vezes na escapulida da noite assim, quando ela tá dormindo assim. Agora vamo aproveitar porque se não. Algumas vezes com os meninos aconteceu da gente ta ali no bem bom e o menino ‘ueueue’ (risos) aí para, para, para e tome o peito. É assim e assim vai. Cresce já (Jasmim)”.

4 DISCUSSÃO

Na perspectiva da nutriz, a sexualidade não possui o mesmo significado da palavra sexo, uma vez que não se restringe à relação sexual. O indivíduo pode expressar sua sexualidade de inúmeras maneiras, inclusive por intermédio da sensualidade, do contato entre pessoas, de gestos carinhosos e da atração física, por exemplo. Este é um aspecto singular, que varia de acordo com os princípios e a cultura em que ele está inserido (SANTOS et al., 2014).

No amor e afeto, fica claro que vivenciar a sexualidade vai além de manter uma vida sexualmente ativa, pois, para muitas mulheres, é fundamental haver afeto. Nesse sentido, nota-se o fator emocional ainda intimamente ligado à satisfação sexual, o que reforça a necessidade feminina de sentir-se amada, respeitada e protegida (SANTOS et al., 2014).

Quanto à heterossexualidade e religião: desvelou-se que, o conceito da sexualidade está muito relacionado às vivências de cada uma das nutrizes entrevistadas, e isso reflete no comportamento sexual inconscientemente. Portanto, é possível perceber que a sexualidade tem significado singular, a depender da influência do meio, da educação, da cultura, da religião ou de outros fatores (PEREIRA et al., 2018).

Evidenciou-se uma interferência da doutrina religiosa e daquilo que consideravam natural em um relacionamento amoroso. Assim, segundo elas, o normal era a união de um homem e uma mulher, uma vez que Deus assim os havia feito. Nesse sentido, diversas crenças e mitos permeiam a sexualidade, confirmando que além do desempenho corporal, físico ou genital, há outros elementos marcantes nessa perspectiva (PISSOLATO et al., 2016).

Outro ponto a se discutir, é o fato de que na maioria das vezes, a definição de sexo confunde-se com a sexualidade, o que leva à equivocada associação entre reprodução e sexualidade. E essa inter-relação decorre de concepções ainda hoje predominantes na sociedade contemporânea (PEREIRA et al., 2018).

O casamento proporciona constante exposição ao ato sexual e, portanto, aumenta as chances de fecundação. Por muitos anos, perdurou a ideia que o casamento não deveria se preocupar em proporcionar prazer para ambos, mas sim promover a concepção¹⁰. Inversamente a essa concepção, o estudo evidenciou um entendimento diferenciado, o qual ultrapassando a ideia de ato sexual e coito somente para a reprodução, uma vez que a reprodução não simboliza a única finalidade do coito, pois nem sempre este será o desfecho de tal ação, mas evidenciando o ato sexual e coito como principal e prevalente no casamento (LEITE et al., 2016).

O AM é considerado no estudo como um gesto de amor que viabiliza a proximidade e vínculo entre o binômio, proporcionando benefícios aos dois, principalmente relacionados à saúde. Nesse sentido, os benefícios que o AM exerce sobre a saúde da criança foi um ponto presente em praticamente todos os depoimentos das nutrizes. As nutrizes que já eram mães e experimentaram tanto o aleitamento materno quanto o aleitamento artificial, relataram o reflexo que ouve no processo saúde-doença dos filhos. Observa-se que, mesmo que haja dificuldades na adaptação, as nutrizes se mostraram dispostas a enfrentar a situação para que a amamentação seja efetiva. Contudo, o apoio familiar nesse momento foi citado como condição primordial para um desfecho positivo.

No AM, a mãe também se beneficia dessa prática com grandes vantagens, tais como: a redução nas chances de desenvolver câncer de mama e de ovário; interrupção do ciclo menstrual por causa da amenorreia lactacional, ocasionando um intervalo maior entre as gestações; a involução uterina com conseqüente diminuição da ocorrência de hemorragias no pós-parto, além de família, sociedade e estado serem beneficiados (ANDRADE; COSTA; DELFINO, 2016). Entretanto, sua opinião e sentimento devem ser ouvidos e acolhidos seja qual for à escolha (LEITE et al., 2016).

A conexão que há com a amamentação e afetuosidade já foi estímulo de obras artísticas retratando a terna relação existente com a mãe e o bebê. Nessa conjuntura o seio aparece como algo sublime e perfeito, ocultando a verdadeira angústia de tantas nutrizes. Por trás desta bela cena estão os ingurgitamentos mamários, as fissuras mamilares, as mastites, a redução na produção do leite, por conseguinte o prejuízo no ganho de peso de seu filho. Eventos estes que são capazes de destruir a idealização da amamentação tão sonhada, transformando-a em dor e desprazer (FELICIANO; SOUZA, 2018).

Geralmente, muito se discute e divulga as vantagens do aleitamento materno exclusivo para mãe e filho (ANDRADE; COSTA; DELFINO, 2016). Nesse contexto, em 1981, foi elaborado no Brasil, o Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM), visando conscientizar as mulheres com relação à prática do aleitamento materno exclusivo por livre demanda e reduzir as taxas de morbimortalidade infantil (LEITE et al., 2016). Entretanto, as políticas públicas abordam esporadicamente os obstáculos que podem surgir nessa etapa da vida materna (ANDRADE; COSTA; DELFINO, 2016).

Amamentar é um direito da mulher, lembrando que ela é dona dos seios que irá alimentar o filho, e decide o que é melhor para si (LEITE et al., 2016).

O AM consiste em lactar e prover o sustento com o leite que é gerado no seu próprio corpo e considerado pela sociedade como um costume inato (WILHELM et al., 2015). O leite materno é a nutrição que dispõe de elementos imunologicamente eficazes para defender o neonato contra variadas patologias (CAMPOS et al., 2015). Diante disso, é possível perceber que O AM não é simplesmente uma ação puramente involuntária e instintiva (MARQUES; COTTA; PRIORE, 2011).

O estudo apontou alterações no comportamento sexual e o quanto afeta a vida conjugal significativamente. Assim como o AM, o retorno à vida sexual ativa acontece no tempo e no momento de cada casal.

Observa-se que no decorrer da evolução, o homem tem destaque é introduzido em diversas comunidades, como, a família (primeiro contato do indivíduo), o ambiente escolar, os

vínculos de amizade e o contexto religioso. Tudo irá contribuir com o desenvolvimento da sexualidade e das relações sexuais de cada ser humano (OLIVEIRA et al., 2014).

O puerpério é o período no qual a mulher está no intervalo da parição e do retorno das modificações gravídicas ao estado que antecede a gravidez. A puérpera apresenta mudanças fisiológicas, hormonais, genitais, e principalmente enquanto pessoa e mulher. No pós-parto há uma diminuição ou ausência das relações sexuais na maioria dos casos (OLIVEIRA et al., 2014). Sendo assim, o puerpério é uma fase crítica de novas adaptações por necessitar de atenção e cuidados específicos de todos os envolvidos nesse contexto (PISSOLATO et al., 2016).

A presença do leite e o odor forte foi uma das principais queixas das participantes na hora de namorar o parceiro. Observa-se que esse nem sempre é um problema para o homem, ele pode até achar interessante tal situação. Sendo relevante também considerar a ação do hormônio ocitocina, o qual além de estar envolvido no aleitamento materno, também favorece o despertar do desejo entre o casal. Com isso, tem-se a possibilidade de aproveitar as modificações corporais e hormonais para conduzir a relação sexual (VETTORAZZI et al., 2013).

A geração atual ainda é cercada por costumes que persistem há décadas impregnados no meio social, e com a simbolização do seio feminino não é diferente. Existe uma divisão de significados entre o seio que representa sensualidade e sedução ou então assume uma posição que está relacionada à maternidade e pureza. Essa ambiguidade das mamas que ora são fonte de nutrição e ora objeto erótico da sexualidade feminina, afeta diretamente a vida conjugal e maternal (PARA, 2013).

É notório que as mudanças dos seios causaram barreiras na intimidade do casal. Algumas mulheres gostavam de receber carícias e estímulos nas mamas durante a atividade sexual e com isso havia o desencadeamento de prazer e satisfação. Ao iniciar o processo da amamentação, o seio perdeu o espaço na sexualidade feminina e assumiu unicamente o poder de nutrição. O pensamento de que a seio materno e o seio erótico não podem compartilhar o mesmo espaço físico é equivocado e os casais necessitam mudar esse paradigma (PISSOLATO et al., 2016).

Um número considerável de mulheres enfatizou que as novas atribuições somadas com as que já existiam contribuíram para um cansaço acentuado refletindo negativamente na sexualidade do casal. Pois, no horário livre que surgia, elas preferiam repousar ao invés de namorar o parceiro.

Do ponto de vista histórico, ao analisar a posição da mulher nesse cenário sabemos que é delegado a ela as responsabilidades e cuidados com o lar, companheiro e principalmente com o bebê. Sem contar na imposição que é feita acerca da amamentação em livre demanda, ou seja, ela é encarregada de realizar todas essas funções perfeitamente. O pai que deveria ser inserido nesse contexto continua sendo o provedor financeiro e assim excluído dos cuidados com mãe e filho (CHERER; FERRARI; PICCININI, et al., 2016; JENERAL et al., 2015).

Algumas mulheres enfatizaram que o AM não interferiu em nada na vivência da sexualidade. Apesar de todas as mudanças envolvidas nesse processo de adaptação, elas se permitem e conduzem a situação positivamente.

Num universo de tantas informações positivas e negativas ao mesmo tempo destacam-se aquelas que retratam satisfação e sucesso apesar de todos os obstáculos percorridos, onde o AM também se enquadra como colaborador no pós-parto e no retorno a atividade sexual (PISSOLATO et al., 2016).

Ao amamentar a mulher se sente preenchida em lidar com a plenitude de gestar. Contudo, a amamentação pode ocupar a posição de satisfação erótica em detrimento de outras satisfações possíveis. Todos esses sentimentos serão favoráveis na retomada dos papéis dessa mulher (PARA, 2013).

Sobre a presença da criança no quarto dos pais, dividir o mesmo ambiente com o filho foi um agravante na interferência da intimidade do casal, elas afirmam que o parceiro não fica à vontade em namorar na presença do filho. Elas se mostraram bem resolvidas quanto a isso, sugerindo até que fosse providenciado o quarto do bebê o quanto antes.

As mães têm a ideia de deixar a criança no quarto do casal porque não querem em hipótese alguma se distanciar dos filhos. E muitas vezes coloca-os pra dormir na mesma cama, pois observam que os bebês ficam mais tranquilo e choram menos quando estão junto a elas (MARTINS; VARGENS, 2014), priorizando o cuidado com a criança (JUSTINO et al., 2019).

Neste sentido, a presença do bebê tem grandes chances de acarretar sérios problemas ao casal. A transferência de afeto e interesse unicamente para a criança pode despertar no companheiro o sentimento de rejeição, na qual sua representação na vida da mulher está numa esfera secundária (PISSOLATO et al., 2016).

Em termos de atenção à saúde da puérpera, observa-se que a atenção é voltada ao RN em detrimento da mãe, minimizando as oportunidades de interação, compartilhamento de experiências, esclarecimentos de dúvidas e anseios (JUSTINO et al., 2019; MERCADO, 2017).

5 CONCLUSÃO

Compreende-se que apesar das transformações nos aspectos políticos, sociais, culturais, científicos e tecnológicos, as representações sociais da vivência da sexualidade sob o enfoque da mulher nutriz ainda é vista pela mulher como algo proibido nesse período, o que caracteriza a maternidade como um momento puro e sagrado.

Os sentimentos que abrangem a satisfação de ser mãe e a necessidade de assumir novas funções são: satisfação, plenitude, tristeza, medo, ansiedade, amor e culpa. Alguns desses sentimentos estão associados às representações sociais da amamentação versus sexualidade.

O meio social necessita de conhecimentos sobre a sexualidade e amamentação, sendo viável realizar ações voltadas para a educação em saúde nas comunidades e unidades básicas de saúde envolvendo tais assuntos com o objetivo de romper paradigmas e desmistificar mitos e tabus conservados há anos na sociedade. Visto que a cultura causa grande impacto nas atitudes das mulheres em relação à vivência da sua sexualidade e da prática do aleitamento materno.

O indivíduo é um ser complexo, influenciado por diversos fatores, fazendo com que necessite de uma atenção integral e respeitosa. Nesse sentido, acredita-se que as representações que surgem ao longo da história interferem diretamente nas escolhas sexuais e reprodutivas das mulheres. Assim, as informações sobre as representações sociais possibilitam aos profissionais de saúde captar e interpretar os comportamentos de determinados grupos sociais e, assim, intervir respeitando as características específicas de cada segmento social tornando tal intervenção eficaz.

Cabe aos profissionais de saúde prestar o cuidado sob a ótica da humanização, cooperando para amenizar os sentimentos das nutrizes que se veem como mães e mulheres ocupando o mesmo espaço e tendo que lidar com a sexualidade nessa perspectiva. Vale ressaltar a relevância do enfermeiro nessa realidade, os quais devem estar capacitados para acolher com maestria as mulheres que tanto carecem de uma assistência em saúde qualificada, considerando a dimensão física e emocional de cada ser.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. R.; COSTA, M. S.; DELFINO, S. **Desafios do aleitamento materno em primíparas**: A importância da assistência da enfermagem. Simpósio de TCC e Seminário de IC. 2016. Disponível em: <http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/0ae64744b522349c55f02da50bb79d19.pdf>. Acesso em: 25 de Jun. 2019.

CAMPOS, A. M. S. et al. Prática de aleitamento materno exclusivo informado pela mãe e oferta de líquidos aos seus filhos. **Rev. latinoam. enferm. (Online)**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 283-290, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n2/pt_0104-1169-rlae-23-02-00283.pdf>. Acesso em: 10 de Fev. 2020.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. bras. enferm.** Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

CARVALHO, M. J. L. N. et al. Primeira visita domiciliar puerperal: uma estratégia protetora do aleitamento materno exclusivo. **Rev. Paul. Pediatr.** São Paulo, v. 36, n. 1, p. 66-73, mar. 2018.

CHERER, E. Q.; FERRARI, A. G.; PICCININI, C. A. A amamentação e o desmame no processo de tornar-se pai. **Estilos clin.** São Paulo, v. 21, n. 1, abr. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000100001>. Acesso em: 10 de Mar. 2020.

FELICIANO, D. S.; SOUZA, A. S. L. Para além do seio: uma proposta de intervenção psicanalítica pais-bebê a partir de dificuldades na amamentação **J. psicanal.** São Paulo, v. 44, n. 81 p. 145-161. 2018

FLORENCIO, A. et al. Sexualidade e amamentação: concepções e abordagens de profissionais de enfermagem da atenção primária em saúde. **Rev. Esc. Enferm. USP**, Ribeirão Preto, v. 46, n. 6, p. 1320-1326, 2012.

GIL; A. C.; LICHT, R. H. G.; SANTOS, B. R. M. Por que fazer pesquisa qualitativa em saúde? **Caderno de pesquisa em ciências da saúde.** v. 1, n. 2, p. 5-19, 2006.

HOLANDA, J. B. L. Sexual dysfunction and associated factors reported in the postpartum period. **Acta Paul. Enferm. (Online)**, São Paulo, v. 27, n. 6, p. 573-578, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002014000600573&lng=en>. Acesso em: 25 de Jun. 2018.

JENERAL, B. R. et al. Aleitamento materno: uma reflexão sobre o papel do pai. **Rev. Fac. Ciên. Méd. Soroc.** Sorocaba, v. 17, n. 3, p. 140-147, 2015. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/21445>>. Acesso em: 10 de Mar. 2020.

JODELET, D. (org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed UERJ; 2001.

JUSTINO, G. B. S. et al. Saúde sexual e reprodutiva no puerpério: vivências de mulheres. **Rev enferm UFPE On line**, Recife, v. 13, e240054, p. 1-10, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/240054/32753>>. Acesso em: 10 de Mar. 2020.

LEITE, G. O. et al. Representações sociais de mulheres sobre o cheiro do leite materno. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, e20160090, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000400208&lng=en>. Acesso em: 25 de Jun. 2019.

MARQUES, E. S.; COTTA, R. M. M.; PRIORE, S. E. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Cien Saude Colet**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 2461-2468, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000500015&lng=en>. Acesso em: 10 de Fev. 2020.

MARTINS, E. L.; VARGENS, O. M. C. Percepções de mulheres a respeito da sexualidade durante a amamentação: uma revisão integrativa. **Rev enferm UERJ**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p.271-277, mar/abr; 2014.

MERCADO, N C. Cuidados e orientações de enfermagem às puérperas no alojamento conjunto. **Rev enferm UFPE**, Reecife, v. 11, n. 9, p. 3508-3515, 2017.

MOREIRA, M. A, NASCIMENTO, E. R. A. Interseccionalidade família, geração e amamentação. **Rev. Kairós**. São Paulo, v. 15, n. 5, p. 191-208, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/8941>>. Acesso em: 25 de Jun. 2018.

OLIVEIRA, A. C. M. et al. Sentimentos vivenciados pelas mulheres no retorno à vida sexual após o parto. **Rev. Fac. Ciên. Méd. Soroc**. Sorocaba, v.16, n.4, p.174-177, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/17651>>. Acesso em: 10 de Fev. 2020.

PARA, H. O erótico maternal e suas encruzilhadas. **J. psicanal.** São Paulo. v. 44, n. 81, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000200011>. Acesso em: 10 de Mar. 2020.

PEREIRA, E. V. et al. Função, práticas e posições sexuais de mulheres grávidas. **Rev. enferm. UFPE on line.** Recife, v. 12, n. 3, p. 772-780, mar. 2018. <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/231225/28064>>. Acesso em: 25 de jun. 2018.

PISSOLATO, L. Amamentação e sexualidade: uma interface na vivência do puerpério Breastfeeding and sexuality: an interface in the experience of puerperium. **Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J. Online)**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 4674-4680. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4236>>. Acesso em: 25 de Jun. 2018.

SANTOS, S. M. P et al. A vivência da sexualidade por mulheres no climatério. **Rev. enferm. UFSM**, Santa Maria, v. 4, n. 1, p. 13-122, 2014.

SOUZA, M. L. et al. Maternal mortality due to hemorrhage in Brazil. **Rev. latinoam. enferm. (Online)**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 3, p. 711-718, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000300711&lng=en>. Acesso em: 25 de Jun. 2018.

VETTORAZZI, J. Sexualidade e puerpério: uma revisão da literatura. **Rev. HCPA & Fac. Med. Univ. Fed. Rio Gd. do Sul**, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 473-479, 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/article/view/32388>>. Acesso em: 10 de Fev. 2020.

WILHELM, L. A. et al. A vivência na amamentação na ótica de mulheres: contribuições para a enfermagem. **Rev. enferm. UFSM**. Santa Maria, v. 5, n. 1, p. 160-168, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/15409>>. Acesso em: 10 de Fev. 2020.